



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4061>

A IGREJA CRISTÃ MARANATA E A PECULIAR MESCLA RELIGIÃO-CIÊNCIA NA ANÁLISE DA PANDEMIA¹

*Maranatha Christian Church and the peculiar mixture of religion and science
in the analysis of the pandemics*

Eduardo Rodrigues da Cruz²

Resumo: Anúncios publicitários da Igreja Cristã Maranata publicados na revista *Veja*, na época de maior disseminação da pandemia, suscitam o interesse em uma forma específica de apresentar o diálogo entre religião e ciência. Pastores e diaconos que também possuem formação em ciência engajam informações da física, da biologia, da genética etc. no serviço da doutrina tradicional dessa igreja, de corte apocalíptico. Para dar conta da mescla daí resultante, três abordagens distintas e que se completam são trazidas para a análise: a tipologia quádrupla de Ian Barbour sobre as relações entre ciência e religião, a análise de legitimação da religião pela ciência de James Lewis e o estudo do sincretismo de religião e ciência que Jesper Petersen apresenta. Conclui-se que a pandemia da Covid-19 serviu de pretexto para a divulgação da doutrina da Igreja Maranata, que trouxe uma mescla entre ciência e religião passível de análise pelas abordagens mencionadas.

Palavras-chave: Igreja Cristã Maranata. Diálogo ciência-religião. Covid-19. Legitimação. Sincretismo.

Abstract: Advertisements by the Maranatha Christian Church published in *Veja* magazine, at the time of the greatest spread of the pandemics; arouse interest in a specific way of presenting the dialogue between religion and science. Pastors and deacons who also have a background in science engage information from physics, biology, genetics etc. in the service of the traditional doctrine of that church, of apocalyptic bent. To account for the resulting mix, three distinct and complementary approaches are brought into the analysis: Ian Barbour's quadruple typology of the relationship between science and religion, the analysis of the legitimation of religion by science discussed by James Lewis, and the study of the syncretism of religion and science that Jesper Petersen presents. It is concluded that the Covid-19 pandemic served as a pretext for the dissemination of the doctrine of the Maranatha Church, which brought a mixture of science and religion that could be analyzed by the aforementioned approaches.

Keywords: Maranatha Christian Church. Science and religion dialogue. Covid-19. Legitimation. Syncretism.

¹ O artigo foi recebido em 21 de julho de 2020 e aprovado em 15 de setembro de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor. PUC-SP. E-mail: erodacruz@pucsp.br

Introdução

Os leitores e as leitoras da revista *Veja*, no primeiro número de abril de 2020, podem ter se surpreendido com uma matéria de três páginas que surgiu em espaço nobre (logo nas primeiras páginas da revista), falando da reação da Igreja Cristã Maranata à pandemia do coronavírus. À primeira vista parecia uma matéria regular da revista, e só um olhar mais atento reconhecia seu caráter de anúncio publicitário. Maior surpresa ainda era de se esperar quando os anúncios se repetiram nas semanas seguintes, com matérias escritas por pastores e diáconos com uma boa formação científica. Esses anúncios continham divulgação religiosa evangélica tradicional, mas misturada com argumentos científicos, algo bastante inédito para o público leitor da revista.

O principal propósito deste ensaio é descrever e avaliar a mescla³ de discurso científico e discurso religioso dessa igreja, particularmente em seu viés apocalíptico motivado pela irrupção da pandemia. Para tanto, primeiro descreveremos resumidamente o conteúdo dos números da revista *Veja* em que aparecem matérias da Maranata, com destaque ao modo como os autores relacionam ciência e religião. Em seguida, recorreremos a uma tipologia de classificação desse relacionamento como apresentada por Ian Barbour e que reflete as preocupações da apologética cristã. Veremos quão adequada (ou não) tal tipologia é para o caso da Igreja Maranata. Em seguida, sugeriremos duas abordagens vindas da ciência da religião para o discurso da igreja, inicialmente pensadas para o estudo dos novos movimentos religiosos, uma que parte da análise weberiana de legitimação e outra que estuda formas de sincretismo entre ciência e religião. Ainda que os estudos existentes não se encaixem adequadamente ao caso da Igreja Maranata, vemos potencial para o uso teórico e para o tratamento empírico de dados porventura a serem obtidos.

Ainda que a pandemia tenha sido mais um pretexto para a apresentação da mensagem da igreja, sugerimos aqui que sua mescla peculiar de ciência e religião presta-se, sim, a tratar da pandemia como objeto. Esperamos assim poder contribuir para o estudo de tais mesclas em igrejas cristãs de várias confissões.

Os anúncios publicitários da Igreja Cristã Maranata na revista *Veja*

A Igreja Cristã Maranata (ICM)⁴ tem recebido pouca atenção da produção acadêmica brasileira, ainda que seja muito bem estruturada e com vários centros de difusão. Assim, o que se falar aqui sobre ela possui um caráter tentativo, aguardando outros estudos a respeito de sua história e de sua prática. Essa igreja nasceu em 1968 na Grande Vitória, no estado do Espírito Santo, como dissídio de uma igreja presbiteriana local. Procura associar características tradicionais do protestantismo com a

³ Termos semelhantes poderiam ser usados como “mistura”, “sincretismo”, “hibridismo” etc. Entretanto, a limitação do material empírico disponível não permite definir univocamente uma escolha, que de qualquer maneira seria controversa.

⁴ Site institucional: <<https://www.igrejacristamaranata.org.br/>>.

experiência dos dons do Espírito, podendo ser assim caracterizada como pentecostal. Conta com um bom número de templos no Brasil e em vários países no exterior. Ela não se refere a um fundador carismático que se torna “dono” da igreja, ainda que a família Gueiros, de Vila Velha/ES, tenha sido instrumental na sua fundação. O atual presidente é o pastor Gedelti Gueiros, e um dos seus membros mais ilustres (tristemente ou não, não cabe aqui julgar) é o atual ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio. A igreja parece dispor de bons recursos financeiros, o que é sugerido tanto pelos anúncios de três páginas na revista *Veja* (veja.abril.com.br) como por um processo contra o pastor Gueiros e outros membros da igreja por conta de um suposto desvio milionário dos recursos da igreja.⁵

Um detalhe curioso parece revelar que se trata de uma igreja que atrai a classe média. Ao se buscar no Google acadêmico pela ICM, notam-se os constantes agradecimentos a ela feitos por autores e autoras de várias áreas de conhecimento, por ter dado encorajamento para a realização dos respectivos trabalhos. Nota-se por aí que a igreja parece apoiar o desenvolvimento científico e a prática das ciências por seus membros, e possui até um grupo “Ciência e Fé”.

Após essa breve introdução, vamos para a análise dos conteúdos presentes na publicidade da revista *Veja*. O primeiro número no qual aparece material da Igreja Maranata é o de 01 de abril de 2020 (edição 2680). Lemos aqui uma extensa matéria de três páginas, sendo as duas primeiras um registro das providências tomadas pela igreja por conta da pandemia, seguindo de perto as recomendações das autoridades sanitárias, o que insinua um respeito à ciência. Logo a seguir temos uma breve menção ao credo da igreja, com destaque aos sinais típicos da literatura apocalíptica.⁶ É nesse plano de fé que se sugere a inserção da pandemia na doutrina dos últimos tempos: “Mas os sinais, entre eles este que nos acomete agora, provam que [o fim] está muito perto”. Na terceira página, o pastor Gueiros expõe as sete passagens bíblicas onde se encontram os sinais expostos e a importância da conversão e da fé. Não há ainda menção à ciência aqui.

No número de 08 de abril (edição 2681), há um texto (também de três páginas), “Fé sem ruído”, assinado pelo pastor Alex S. Moura, que também é doutor em Engenharia Elétrica e professor da UFJF. Ele insere o link de seu currículo Lattes e seu e-mail. Aprendemos também que a ICM possui um grupo “Ciência e Fé”.⁷ O texto inicia e termina como um típico sermão: indica-se uma passagem bíblica, no caso Isaías 38.1 (“Põe em ordem tua casa, porque morrerás e não viverás”, profecia dirigida ao rei Ezequias), e depois segue um texto edificante. Por outro lado, há intimações de um artigo científico (notas de rodapé com referências científicas, e quadros e gráficos).

⁵ Ver <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/lideres-da-igreja-maranata-sao-presos-acusados-de-desvio-de-dinheiro-do-dizimo.html>>.

⁶ Não parece haver estudos sobre a apocalíptica específica da ICM. O pouco material que se encontra na web não vai muito além do que é descrito nesse trabalho. Só uma pesquisa posterior poderia aferir se se refere a um arrebatamento pré, meso ou pós-tribulacionista.

⁷ Há uma breve referência ao tema em <<https://micm.org.br/tag/ciencia-e-fe/>>, onde encontramos outros links para os textos aqui descritos.

O texto em si, ao falar da temporalidade divina e humana (*kairós* e *chronos*), mescla a reflexão religiosa com breves menções à entropia, às sinapses cerebrais, à teoria da informação de Shannon e cia., teoria de ruídos etc. Essas menções, muito passageiras, emprestam à reflexão uma seriedade e embasamento que podem apelar mais favoravelmente a um público externo à ICM. Já o cientista médio, julgo eu, receberia o texto com disposições opostas: na melhor das hipóteses, julgaria a ICM com uma igreja mais respeitável que a maioria das pentecostais; na pior das hipóteses, receberia com ceticismo a mescla sem uma fundamentação mais articulada. Não há nesse texto menção à pandemia.

No número de 15 de abril (edição 2682), o texto é de duas páginas, de autoria do pastor Carlos Nejar, apresentado como escritor membro da Academia Brasileira de Letras. O título é “Fé e Vida” e o texto bíblico é de Eclesiastes 11.4-5, que diz respeito ao contraste entre a ciência humana e a ciência divina, expresso aqui pelas expressões “obra criadora” e “obra redentora”⁸. Ainda que não haja aqui a mescla ciência-religião, a primeira é vista positivamente, com a ressalva de que “só a palavra de Deus, pela operação do Espírito Santo na Fé, pode trazer mudança de vida”. Em seguida há uma menção à pandemia, indicando que só os homens de fé utilizam esse tempo para aguardar o salto para a eternidade.

O texto de 22 de abril (edição 2683) é de autoria do pastor Tarcísio Nunes Teles, físico de ampla formação e pesquisador. O currículo Lattes também é citado. O texto é intitulado “Fé: Elo Perdido”, motivado por Lucas 18.8 e Hebreus 11.1, e mescla o estilo de um sermão com aquele de um artigo científico, com notas de rodapé, gráficos e referências à mecânica newtoniana e einsteiniana. Também faz uma referência à obra criadora, na qual a ciência reina, e à obra redentora, à qual só se tem acesso pela fé: “Podemos considerá-la uma quinta medida, a qual adentra ao tempo do homem, o alcança e o resgata”. Ele aqui coloca a fé como complemento às três medidas espaciais e à temporal do sistema de Einstein. Mas a pandemia não é mencionada aqui.

A edição de *Veja* de 29 de abril (edição 2684) traz um texto intitulado “Quimerismo e Fé”, de autoria do diácono Miguel Faria, odontólogo com mestrado. O currículo Lattes também é mencionado. Novamente vê-se a mescla de um sermão (motivado pelo Salmo 104.30) e um artigo científico com referências e gráficos. O dado científico que embasa aqui a reflexão é o quimerismo, que o autor entende como “o processo de substituição da medula doente do receptor pela medula saudável do doador”, processo comum, por exemplo, no tratamento de leucemia. Por analogia, o autor fala de “quimerismo da fé”, onde o doador é o próprio Jesus: “[...] vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2.20; citação de Faria). O organismo doente é redimido de seus pecados e revigorado pela ação do sangue de Cristo, passando a ser governado pelo Espírito. Assim, a “vida no sangue”, que significa para o autor o processo fisiológico representado pela sequência ação do cérebro, ação da medula, produção de células-tronco, células do sangue, dando vida ao corpo humano, tem um paralelo na “vida no Espírito Santo”, representada pelo autor na sequência

⁸ Essas últimas expressões já constavam do texto de Moura, provavelmente de inspiração calvinista.

Jesus-governo, revelação, atos de justiça, Espírito Santo, igreja o corpo de Cristo. Apesar do embasamento na biociência, também não há aqui referência à pandemia.

O texto de Walter do Carmo Campos (graduado em ciências biológicas), “βίος e Fé”, foi publicado na edição de 06 de maio (edição 2685). Também aqui encontramos a mescla do sermão religioso, que tem como ponto de partida Jó 33.34, e argumentos científicos, com notas de rodapé e gráficos. Como o título sugere, o argumento trata da biogênese. Primeiro, ele descreve a origem da vida na terra. Ele dá um espaço à ciência (inclusive com detalhes especializados), mas fala da causa básica que é o Verbo. Estamos aqui no âmbito da obra criadora, representada pela sequência βίος – Chronos (ver o texto de Moura acima) – Obra Criadora; que dá lugar à Obra Redentora: ζωή – Kairós – Obra Redentora, resultando na vida espiritual em Cristo. O Verbo de Deus está presente tanto na infusão da vida no pó da terra, resultando na vida biológica, como na infusão do Espírito na vida biológica, resultando na vida espiritual. Diferentemente dos outros autores acima, Campos dá ênfase ao apocalipsismo da ICM, quando os fiéis serão arrebatados e “nada da obra criadora (matéria) entrará na obra redentora (eternidade de Deus)”. Considerando-se que o autor é também especialista em saúde pública, é estranho que não haja referência à pandemia. Isso sugere que esses artigos já estavam meio que prontos, aguardando apenas uma oportunidade para terem uma divulgação ampla.

Finalmente em 13 de maio (edição 2686) é publicado na revista *Veja* o texto “Fé e Genética”, do diácono Tiago Campos Pereira. Ele é geneticista, também com ampla formação, e professor na USP-Ribeirão Preto, e o currículo Lattes também é citado. Novamente as referências científicas se mesclam ao conteúdo religioso, tendo como ponto de partida Romanos 4.11, que indica Abraão como pai de todos os que creem. Ele representa também a herança genética humana (no âmbito da obra criadora), em que um pai e uma mãe (no caso, Isaque e Rebeca – Gn 24) geram filhos, o que é congruente com a explicação dada pela genética. Mas Isaque é apenas figura de Jesus, fruto primeiro da “herança ‘genética’ de Deus Pai”. A herança conseguida pela fé nos torna filhos de Deus, irmãos em Cristo e membros de seu corpo. “A biologia do homem natural é incapaz de gerar a fé, e sua genética limita seu tempo de vida [...] a fé é a herança de nosso Pai celeste, o qual permite a vida eterna”, isto é, algo que ocorre no âmbito da obra redentora. Infelizmente, não há referência aqui à pandemia.

Após um salto de um mês, na edição de 17 de junho surge, também em lugar nobre da revista *Veja*, mais um anúncio publicitário da ICM, divulgando um grande evento on-line, a “3ª. grande proclamação Trombetas e Festas”. O anúncio fala do iminente toque da quarta trombeta, sendo que as três primeiras já o foram, com a presença de “sinais geofísicos claros e visíveis [...] decorrentes da ação antrópica que destruiu as maiores forças da natureza”. Ainda que a pandemia não seja mencionada, nota-se que o discurso apocalíptico novamente é sustentado por eventos usualmente descritos por uma apreciação atual da ciência, e, entre outras, a ecológica.

O que se pode deduzir até aqui? Primeiro, que a pandemia serviu como um pretexto de divulgação das doutrinas, ideias e mores da ICM, com uma novidade que é a mescla com elementos científicos para dar maior credibilidade ao anúncio. Pode-se presumir, por outro lado, que elementos científicos sobre a pandemia poderiam

ser utilizados para reforçar a postura apocalíptica do discurso da igreja, aumentando a percepção que estamos nos últimos tempos. Mas o certo é que esse material fornece elementos suficientes para refletir uma posição peculiar no entrelaçamento entre ciência e religião, que discutiremos a seguir.

A postura da ICM e a tipologia quádrupla de Ian Barbour

Quando se fala na academia das relações entre ciência e religião, a primeira coisa que nos vem à mente é a tipologia de Ian Barbour, vagamente inspirada na tipologia de H. Richard Niebuhr em seu clássico *Cristo e Cultura*⁹. Em português, essa tipologia é examinada com detalhes no livro de Barbour, *Quando a Ciência encontra a Religião*¹⁰.

De modo resumido, o primeiro tipo é o do *conflito*, a percepção de que ciência e religião são inimigas, representado por cientistas materialistas e literalistas bíblicos; esse é um tipo minoritário, mas talvez o mais conhecido pela influência na mídia. O segundo, que talvez seja o mais comum, é o da *independência*, que sugere que ciência e religião sejam completamente separadas; esse tipo recebeu um nome que ficou bem conhecido, do biólogo Stephen Jay Gould¹¹: “magistérios não interferentes” (NOMA), em que à ciência caberia a esfera do conhecimento e à religião a da moral (ou das emoções). Essa separação de domínios tem sido teorizada de várias formas por teólogos de diversas confissões cristãs que defendem a postura da convivência pacífica. O terceiro tipo, ainda de acordo com Barbour, é o do *diálogo*, no qual semelhanças e diferenças entre as visões de mundo são destacadas em clima de diálogo, como, por exemplo: uso de modelos e analogias, questões de fronteira na ciência que se abrem para o transcendente, ou conceitos da ciência sendo empregados para falar das relações entre Deus e o mundo. Esse é o tipo mais entretido hoje na literatura, que compõe o que se chama de “diálogo ciência-religião”, que envolve cientistas, teólogos, filósofos etc.¹² Finalmente o último tipo seria o da *integração*, no qual se busca um esquema conceitual comum, como na teologia natural clássica, teologia da natureza (Barbour cita especificamente as especulações em torno do *big bang*), e a teologia do processo, favorecida por nosso autor, mas que não tem encontrado muito

⁹ NIEBUHR, H. R. *Cristo e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967 (originalmente publicado em 1951).

¹⁰ BARBOUR, Ian G. *Quando a Ciência encontra a Religião*. Inimigas, Estranhas ou Parceiras? São Paulo: Cultrix, 2004. Ian Barbour (1923-2013) é conhecido por ser um dos pioneiros de um “novo diálogo ciência-religião” de língua inglesa, a partir dos anos 1960. Físico e teólogo, recebeu o prêmio Templeton em 1999.

¹¹ Gould é autor de várias obras de divulgação científica traduzidas para o português, apresentando a teoria da evolução. O conceito de NOMA é apresentado em GOULD, Stephen J. *Pilares do Tempo*. Ciência e Religião na Plenitude da Vida. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 43-78.

¹² Para uma visão abrangente do assunto, ver HARRISON, Peter. *Ciência e Religião*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

desenvolvimento.¹³ Talvez pudéssemos incluir aqui a filosofia de Teilhard de Chardin, mas isso não será discutido.¹⁴

Como o próprio Barbour reconhece, essa tipologia é algo simplista, e ele mesmo cita algumas alternativas que surgiram ao longo dos anos com mais derivações¹⁵, mas não é nosso propósito prosseguir com essa discussão aqui. Com o devido respeito a essa tipologia, o fato é que ela tem escasso valor empírico, principalmente em termos sociológicos. Como já apontado por outros autores, uma mesma situação pode ser associada a mais de um tipo. Tome-se o exemplo do literalismo bíblico: se o tipo mais visível é o do conflito, podemos também tomar o literalismo como um caso de integração. Por exemplo, veja-se o “criacionismo científico”, no qual o relato bíblico é harmonizado com alguns dados empíricos fornecidos pela pesquisa científica.¹⁶ Trata-se de um tipo de concordismo, que já foi muito comum no âmbito da igreja católica. Segundo um conhecido teólogo, “historicamente, o concordismo é uma posição exegética que consiste em procurar uma correspondência direta, sem mediação, entre uma passagem das Escrituras e um conhecimento científico”¹⁷. O concordismo não cabe direito em nenhum dos tipos de Barbour e, ao mesmo tempo, pode ser associado a todos.

No caso específico da ICM, podemos notar que a tipologia, em abstrato, também não se associa claramente ao seu discurso. Apesar de não associar seu literalismo bíblico ao criacionismo, ele está presente em outras passagens, como vimos acima. Ou seja, potencialmente pode haver algum tipo de conflito, não explicitado pelos autores que vimos. Podemos falar também de independência, quando os autores (como Nejar) trabalham em termos de domínios separados, ao falarem da obra criadora e da obra redentora. Ao mesmo tempo, encontram-se traços de diálogo, pois se supõem que a ciência dá suporte à mensagem da ICM, e também de integração, quando, por exemplo, fala de “sinais geofísicos” do fim dos tempos, ou da “herança ‘genética’ de Deus”. Mas esse tipo de análise não é muito informativo, limitando-se a associações e semelhanças. Gostaria agora de apresentar uma alternativa, mais aberta à pesquisa empírica: as ideias de legitimação pela ciência e a de sincretismo entre religião e ciência, como apresentado por autores como Olav Hammer, James R. Lewis, Wouter Hanegraaff e outros.

¹³ BARBOUR, 2004, p. 14-16.

¹⁴ Para a inserção de Teilhard, ver BARBOUR, 2004, p. 82.

¹⁵ BARBOUR, 2004, p. 16-18.

¹⁶ CRUZ, Eduardo R. *Religião e Ciência*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção Temas do Ensino Religioso). p. 68-80.

¹⁷ LAMBERT, Dominique. *Ciências e Teologia: Figuras de um Diálogo*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 68.

Legitimação pela autoridade da ciência

Muito se tem estudado sobre a relação entre novos movimentos religiosos (NMRs) e o recurso que fazem à autoridade da ciência.¹⁸ Como James R. Lewis¹⁹ resume em certo momento, “no mercado religioso de hoje, as religiões devem procurar aumentar sua autoridade apelando a uma fonte de legitimidade como a ciência, que, pelo menos no Ocidente, possui uma ‘mística de autoridade’ [...] e um status social maior do que qualquer outra religião em particular”²⁰, expandindo um pouco o âmbito de interesse para além dos NMRs. Para sua análise ele recorre a Max Weber e sua fonte tripla de legitimação: a tradicional, racional-legal e carismática. O apelo à tradição (recriada) é para Lewis, de fato, um apelo ao carisma dela, e da mesma forma “os apelos à autoridade da ciência são apelos ao *carisma* da ciência”²¹. No caso do “diálogo religião-ciência”, por exemplo, os teólogos envolvidos nele possuem uma particular deferência em relação aos achados da ciência. Essa deferência se dá tanto no plano da metodologia, dos conteúdos, como em termos de visão de mundo, como no caso dos apelos à física quântica (p. ex., em contraste com a visão de mundo determinista da física clássica). De modo mais negativo, Lewis destaca que os grupos religiosos são altamente seletivos, “escolhendo elementos que atendem seus interesses, mas completamente ignorando outros”²².

Lewis então propõe uma tipologia para organizar as múltiplas maneiras como grupos religiosos recorrem à autoridade da ciência. Em linhas gerais, eis o que ele propõe:

1. Terminológica/Retórica – serve à apologetica, o descrever a religião tradicional e as práticas religiosas como científicas, como no caso da “ciência da astrologia”.
2. Metodológica – quando se apresentam as doutrinas e as práticas como uma forma de pesquisa sistemática, empírica (em um sentido bem geral), válida para o domínio espiritual.
3. Visão de mundo (filosofia da natureza) – como, por exemplo, no apelo à “nova física”.

¹⁸ HANEGRAAFF, Wouter J. *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought*. New York: State University of New York Press, 1996; HAMMER, Olav. *Claiming Knowledge: Strategies of Epistemology from Theosophy to the New Age*. Leiden: Brill, 2001; LEWIS, James R. *Legitimizing New Religions*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2003; LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *Handbook of Religion and the Authority of Science*. Leiden: Brill, 2010; DIOGO, Pablo N. G. *Espiritualidade quântica? Religião e ciência em Amit Goswami*. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2015; GUERRIERO, Silas; STERN, Fábio L. Concepções de Energia na Nova Era: O Caso da Naturologia Brasileira. *Caminhos*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 4-25, jan./jun. 2017.

¹⁹ James R. Lewis (1959 -) é um acadêmico especializado em Novos Movimentos Religiosos. Ver <[https://en.wikipedia.org/wiki/James_R._Lewis_\(scholar\)](https://en.wikipedia.org/wiki/James_R._Lewis_(scholar))>. Acesso em: 01 set. 2020.

²⁰ LEWIS, James R. How Religions Appeal to the Authority of Science. In: LEWIS; HAMMER (Orgs.), 2010, p. 24.

²¹ LEWIS, 2010, p. 26; itálico no original.

²² LEWIS, 2010, p. 29.

4. Pesquisa empírica *mainstream* sobre práticas e pessoas religiosas selecionadas – como no caso do estudo neurocientífico de práticas meditativas de monges.
5. Ciências alternativas e limítrofes – como no caso da ufologia, pesquisa sobre vidas passadas e (segundo o autor) o criacionismo científico.
6. Paratecnologia – que usa equipamentos, como em pesquisa de auras.
7. Acadêmico – esse último tipo refere-se ao emprego de pessoas com elevados graus acadêmicos como porta-vozes dos grupos religiosos.

Lewis destaca que não são tipo estanques, que grupos religiosos podem se encaixar em mais de um deles e que nunca há um encaixe perfeito. É o caso da ICM, por exemplo. Há traços de pertença ao grupo 1, por exemplo, quando se fala de “genética de Deus” ou do “quimerismo da fé”, como também do tipo 7, pois muitos dos porta-vozes apresentados acima têm formação em ciências naturais e fazem uso explícito delas. Talvez a razão maior da dificuldade em se usar essa tipologia é que ela foi pensada para grupos religiosos alternativos, NMR’s, esotéricos etc., e não para um grupo religioso tradicional e *mainstream*, como é o caso da ICM. Outro ponto de diferença é que muitos desses grupos são secularizados e oferecem um tipo de salvação para esse mundo, enquanto a ICM destaca a salvação por um ato divino na figura do arrebatamento. Entretanto, ao invés de se descartar a tipologia, o mais adequado seria reformular os tipos ou criar um novo, ainda que isso não seja o propósito nosso aqui. Mais importante é reter, como sugere Lewis, o apelo explícito à autoridade da ciência como uma estratégia de legitimação e de suporte às reivindicações de verdade da religião. Lewis também destaca o fascínio contemporâneo pelo poder da ciência, seja *mainstream*, seja alternativa, e a associação com o *poder* do sagrado, como descrito, por exemplo, por Gerardus van der Leeuw²³. Infelizmente, o autor não desenvolve mais esse último ponto.

O desenvolvimento de discursos sincréticos

Em parte com o fito de superar os limites das tipologias para auxiliar a entender a mensagem da ICM, podemos recorrer a ainda outra categoria de análise, a de *sincretismo*. Em outro ensaio do mesmo *Handbook* onde Lewis publicou seu artigo, Jesper A. Petersen²⁴ analisou o satanismo moderno, utilizando justamente a ideia de sincretismo religião-ciência. Petersen baseia-se na noção de Wouter Hanegraaff²⁵ (1996) de “esoterismo secularizado” como sincrético, ou como Petersen prefere para o caso do satanismo, “secularismo esoterizado”²⁶. No caso desse movimento satanista, trata-se de ecletismo misturando elementos pré-iluministas e modernos. Seguindo outros autores, Petersen vê o sincretismo “como estratégia de apropriação e legitimação; em

²³ LEWIS, 2010, p. 37.

²⁴ É cientista da religião e professor na Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia.

²⁵ Wouter J. Hanegraaff (1961-) é cientista da religião, professor da Universidade de Amsterdã, especializado no estudo do esoterismo ocidental. É autor de numerosos artigos e livros sobre o assunto.

²⁶ PETERSEN, Jesper A. “We Demand Bedrock Knowledge”: Modern Satanism between Secularized Esotericism and ‘Esotericized’ Secularism. In: LEWIS; HAMMER (Orgs.), 2010, p. 67-115. p. 69ss.

situações de competição, os criadores de mitos tendem a pensar com os materiais que têm prestígio nos círculos em que se movem. Isso está diretamente relacionado ao uso da ciência, mitologizada ou não, no meio cultural hoje”²⁷, o que confirma a noção de autoridade da ciência em Lewis.

Petersen tem diante de si as controvérsias em torno do conceito de sincretismo, se é o melhor a ser utilizado e em que contextos isso pode ocorrer. Daí ele insiste que esse conceito deva ser “relegado, de um papel teórico geral como conceito mestre (substância ou essência de algumas religiões ou religião), para um papel mais analítico como descritor de certos processos estratégicos explícitos”²⁸. Isso indica que o uso do conceito passa a depender tanto de uma cuidadosa pesquisa de campo como de uma teorização adequada, o que é difícil de se fazer com o material que temos em mãos da ICM. Isso se torna complicado também porque, novamente, o foco de Petersen é em NMRs, não em confissões cristãs. Mas sugestões podem ser propostas para que isso se faça no futuro. O próprio Petersen indica a noção de “sincretismo programático” de Egil Aspren, autor que, ao estudar um escritor esotérico contemporâneo, assim propõe: “Uma *atitude deliberadamente sincretista*, relacionando dados culturais independentemente do tempo e do espaço, mas com uma base *programática*, sempre com o objetivo de melhorar o resultado final”²⁹. E como Petersen completa: “O sincretismo programático está intimamente ligado a questões da modernidade e às transformações dentro do esoterismo moderno, que se tornaram necessárias face à secularização, à ciência e à globalização emergente”³⁰.

Aqui temos, então, outra maneira possível de se estudar as propostas da ICM, que apresentamos acima. Falamos das mesclas feitas entre argumentos científicos e teológicos, apesar da descontinuidade apresentada entre a “obra criadora” e a “obra redentora”. Como Petersen destacou, há aqui uma mistura entre elementos pré-iluministas (a visão apocalíptica) e outros modernos (como as referências à física e à biologia). A própria imagem do “quimerismo” reforça essa impressão, na qual as referências ao sangue humano são acompanhadas de considerações sobre o sangue de Cristo. Alguém pode se contrapor afirmando que esses representantes da ICM tomariam essas imagens advindas da ciência como metafóricas (e isso pode ser reforçado pelo uso que Pereira faz das asas simples em “herança ‘genética’ de Deus Pai”), mas o contexto sugere também o oposto: parece haver, sim, uma visão holista, integrando os dois discursos, assim como no caso dos NMRs. A diferença em relação a esses diz respeito ao pano de fundo: enquanto os NMR’s apresentam uma visão de mundo unificada, a ICM apresenta uma visão claramente religiosa. Além dos textos bíblicos que servem como ponto de partida para a argumentação, as referências científicas servem ao propósito doutrinário da igreja, que tem muito de tradicional. Em suma, a mescla ciência-religião funciona sincreticamente dentro de um pano de fundo mais claramente religioso.

²⁷ PETERSEN, 2010, p. 105.

²⁸ PETERSEN, 2010, p. 107.

²⁹ ASPREN *apud* PETERSEN, 2010, p. 106; itálicos no original.

³⁰ PETERSEN, 2010, p. 106.

Conclusão

Os anúncios publicitários da Igreja Maranata, em diversos números de *Veja*, deixam transparecer uma mescla peculiar que solicita uma análise mais cuidadosa. Após um resumo das mensagens desses anúncios, recorremos, primeiro, à bem conhecida tipologia quádrupla de Ian Barbour para classificar os conteúdos. Vimos que, no caso da ICM, nenhum dos tipos dá conta adequadamente, sem mencionar um problema de fundo da tipologia (e também do termo “concordismo”), que é a dificuldade de se prestar à análise empírica.

Apresentamos, então, as propostas de James Lewis e Jesper Petersen, sendo que o primeiro analisa o discurso legitimatório dos NMR’s com o recurso à autoridade da ciência. Ainda que no caso da ICM a aplicação seja parcial, pelo fato de se tratar de uma igreja cristã próxima ao *mainstream*, pudemos sugerir a adequação de dois dos tipos de Lewis: o terminológico/retórico e o acadêmico. Não tendo essa tipologia cobertura suficiente para o caso da ICM, recorremos também à análise do sincretismo “religião-ciência” desenvolvida por Petersen para o estudo de NMR’s. Em particular, Petersen cita a noção de Egil Asprem de “sincretismo programático”, deliberado, que parece se encaixar melhor na proposta da ICM.

Por fim, voltemos à pandemia do Covid-19. Ela claramente serviu como pretexto para a apresentação das mensagens da ICM que mesclam religião e ciência. Apesar de ficar em segundo plano, é possível especular que poderia ter sido mais do que pretexto, uma vez que as mensagens podem ser relacionadas à doutrina apocalíptica dessa igreja, à semelhança do que fazem muitos cristãos no dia de hoje. Por outro lado, surpreende o ineditismo da iniciativa da ICM de publicar esse tipo de material em uma revista de circulação nacional. Estamos diante de uma mistura peculiar de elementos pré-modernos e modernos para a relação entre religião e ciência, um contexto que permite uma avaliação da pandemia que tem recebido pouca atenção da mídia.

Referências

Artigos da revista *Veja* citados:

ICM. Igreja Cristã Maranata Fecha as Portas por Covid 19. *Veja*, São Paulo, ano 53, n. 14, ed. 2680, p. 10-12, 01 abril 2020.

MOURA, Alex Sander. A fé sem Ruído. *Veja*, São Paulo, ano 53, n. 15, ed. 2681, p. 7-10, 08 abril 2020.

NEJAR, Carlos. Fé e Vida. *Veja*, São Paulo, ano 53, n. 16, ed. 2682, p. 6-7, 15 abril 2020.

TELES, Tarcísio Nunes. *Veja*, São Paulo, ano 53, n. 17, ed. 2683, p. 10-12, 22 abril 2020.

LIMA, Miguel Faria. *Veja*, São Paulo, ano 53, n. 18, ed. 2684, p. 10-12, 29 abril 2020.

CAMPOS Jr., Willer do Carmo. βios e Fé. *Veja*, ano 53, n. 19, ed. 2685, p. 10-12, 06 maio 2020.

PEREIRA, Tiago Campos. Fé e Genética. *Veja*, ano 53, n. 20, ed. 2686, p. 10-12, 13 maio 2020.

ICM. Grande Proclamação da Igreja Maranata. *Veja*, ano 53, n. 25, ed. 2691, p. 5, 17 junho 2020.

Outras Obras:

BARBOUR, Ian G. *Quando a Ciência encontra a Religião*. Inimigas, Estranhas ou Parceiras? São Paulo: Cultrix, 2004.

- CRUZ, Eduardo R. *Religião e Ciência*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção Temas do Ensino Religioso).
- DIOGO, Pablo N. G. *Espiritualidade quântica? Religião e ciência em Amit Goswami*. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2015.
- GOULD, Stephen J. *Pilares do Tempo*. Ciência e Religião na Plenitude da Vida. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- GUERRIERO, Silas; STERN, Fábio L. Concepções de Energia na Nova Era: O Caso da Naturologia Brasileira. *Caminhos*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 4-25, jan./jun. 2017. DOI 10.18224/cam.v15i1.5963.
- HAMMER, Olav. *Claiming Knowledge: Strategies of Epistemology from Theosophy to the New Age*. Leiden: Brill, 2004.
- HANEGRAAFF, Wouter J. *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought*. New York: State University of New York Press, 1996.
- HARRISON, Peter. *Ciência e Religião*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
- LAMBERT, Dominique. *Ciências e Teologia: Figuras de um Diálogo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LEWIS, James R. *Legitimizing New Religions*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2003.
- _____. How Religions Appeal to the Authority of Science. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav. (Orgs.). *Handbook of Religion and the Authority of Science*. Leiden: Brill, 2010. p. 23-40.
- LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *Handbook of Religion and the Authority of Science*. Leiden: Brill, 2010.
- PETERSEN, Jesper A. “We Demand Bedrock Knowledge”: Modern Satanism between Secularized Esotericism and ‘Esotericized’ Secularism. In: LEWIS, James R.; HAMMER, Olav (Orgs.). *Handbook of Religion and the Authority of Science*. Leiden: Brill, 2010. p. 67-115.